

FILMES E NARRATIVAS DE JOVENS DEFICIENTES VISUAIS: REFLEXÕES INICIAIS DE UMA PESQUISA

Margareth de Oliveira Olegário¹
Lucy Anna Diniz²

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar uma proposta de pesquisa acerca da percepção dos deficientes visuais, especificamente jovens matriculados no 5º ano do ensino fundamental de uma escola especializada para cegos, referente aos filmes exibidos buscando compreender como são percebidos os filmes assistidos por esses sujeitos. A pesquisa realizada faz parte do projeto “O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes espaços educativos”.

O interesse em realizar tal pesquisa surgiu em janeiro do ano de 2012 quando o Instituto Benjamin Constant foi selecionado para participar de um curso sobre educação e cinema. De imediato, despertou-se o interesse por esta temática e percebeu-se o quanto esse aprendizado poderia ser percebido e discutido com os jovens estudantes da escola.

Comparada à história de outras artes, a história do cinema é recente, entretanto em pouco mais de cem anos várias obras-primas foram produzidas. Desde dezembro de 1895, o cinema emociona um número incontável de pessoas em todo o mundo e, provavelmente, dentre eles estão incluídos professores e estudantes que entraram, entram e entrarão em contato com esta arte que em cento e dezessete anos construiu uma emocionante história.

Embora o cinema seja uma arte centenária, ainda encontramos dificuldades para introduzi-lo na escola. Atualmente, as filmagens convertidas para o formato DVD, permitem o uso escolar com maior facilidade. Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre a relação do cinema com a escola, a linguagem e a história do cinema, bem como as relações que os estudantes com deficiência visual total (cegos) ou com baixa visão, estabelecerão a partir das imagens e sons em ação.

¹ Mestranda em Educação pelo PPGEDU UNIRIO, integrante do grupo de pesquisa CINENARRATIVAS coordenado pela professora Adriana Hoffmann Fernandes, no qual desenvolve-se o projeto “O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes espaços educativos”.

² Bolsista de iniciação científica pela UNIRIO, integrante do grupo de pesquisa CINENARRATIVAS.

O cinema é um campo que une estética, lazer, ideologia e valores sociais mais abrangentes. Conforme estudos de Miranda (2005), vemos que a relação entre cinema e educação, contemplando a educação escolar, faz parte da história do cinema.

“O que é específico do cinema em relação ao conhecimento é que este está contido na imagem, ou melhor, na edição das imagens. Ao considerarmos os conhecimentos e saberes contidos nos filmes, transcendemos o uso do cinema e do audiovisual como ilustração, motivação e exemplo. Queremos trazer para o campo da educação e da didática o estudo de como os filmes, as imagens e os audiovisuais nos educam.” (MIRANDA, 2005: p. 1-2).

Para Marcello e Fischer (2011), pelo menos três grandes dimensões devem ser contempladas nas pesquisas de cinema e educação: a complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema, o público ao qual se destinam os materiais em foco (ou os sujeitos dos quais as narrativas falam, ou ainda o grupo do qual desejamos tratar ou a quem nos propomos certa ação investigativa); e, por fim (e não menos importante), interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que são possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenções com o cinema.

Portanto, a escolha dessa pesquisa é refletir sobre as relações que os estudantes com deficiência total (cegos) ou com baixa visão, estabelecerão com as imagens e sons em ação, a partir dos filmes que assistem na escola investigada.

Para realizar a pesquisa nos deparamos com as seguintes questões: qual a cultura cinematográfica desses jovens? Que bases teórico-metodológicas a professora pesquisadora precisa ter para promover seções de cinema com estudantes que têm deficiência visual total (cega) e com baixa visão dentro da escola? De que forma é possível aguçar a compreensão do imaginário destes educandos para construir alguns caminhos, procedimentos e estratégias para lidar com os filmes? Qual é a importância da áudio-descrição para a pessoa com deficiência visual total (cega) e com baixa visão?

Breve percurso teórico-metodológico da pesquisa

Citamos a seguir os caminhos pensados para a metodologia da construção da dissertação de mestrado: essa investigação está acontecendo pela metodologia da pesquisa-intervenção. A referida metodologia insere o pesquisador no contexto da pesquisa, sendo parte integrante e essencial na promoção do bem social deste coletivo.

De acordo com Castro (2008),

“todo dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção. Incorporar a intervenção do pesquisador no que é pesquisado, esse constitui o grande desafio do paradigma da pesquisa-intervenção”. (CASTRO, 2008: p. 29)

Acreditamos, assim, que não há como dissociarmos a pesquisa da intervenção, uma vez que nós, pesquisadoras, intervimos na realidade dos estudantes pesquisados desde o momento em que propomos a pesquisa. A partir do momento em que informamos que faríamos uma pesquisa sobre o modo como estes se relacionam com o cinema, lhes entregamos questionários, exibimos filmes e promovemos debates, é inevitável que estes comecem a refletir a respeito do tema, o que não necessariamente fariam caso não houvesse pesquisa. Assumimos, dessa forma, que mesmo o objetivo primeiro da pesquisa sendo o de investigação, há um grande caráter formativo na pesquisa desenvolvida que não pode ser ignorado pela mesma.

Trazemos a seguir os passos iniciais da pesquisa em processo com os jovens deficientes visuais. Primeiro, submetemos um questionário de consumo cultural com 20 jovens da escola, a fim de apurar as experiências que possuem em relação aos filmes e se já tiveram contato com o recurso da áudio-descrição. O questionário, composto de oito perguntas, buscou saber: nome, idade, bairro em que residem, regime em que são matriculados no IBC (internato ou externato), dispositivos em que assistem filmes, tipos de filmes que gostam e costumam assistir e se já assistiram a filmes com o recurso da áudio-descrição.

Optou-se por perguntas contendo alternativas de respostas abertas. Percebemos nos questionários aplicados que poucos são os que costumam assistir a filmes. Os que disseram ter contato com filmes, afirmaram que assistem mais na televisão do que em outros meios e em geral, na companhia dos pais. O assistir com pessoas da família, possivelmente em muitos casos, se deve ao fato destes poderem explicar a eles o que acontece nas imagens que não veem.

Por esse motivo, a áudio-descrição é crucial neste trabalho, pois promove o acesso ao conteúdo imagético gerando uma certa independência desses jovens nesse acesso. A áudio-descrição, conforme Motta, “É a arte de transformar aquilo que é visto no que é ouvido, o que abre muitas janelas para o mundo para as pessoas com deficiência visual.” (2008 – online).

Nesta pesquisa, contemplamos estudantes de diversas partes do Rio de Janeiro, que estudam no IBC (Instituto Benjamin Constant), em regime de internato, principalmente os que moram em outros municípios do Rio de Janeiro e em regime de externato os que residem em bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Vimos também, que menos da metade destes estudantes possuem acesso à internet, impossibilitando-os baixar filmes ou assisti-los on-line. Apuramos que somente os que assistiram a filmes no Festival Assim Vivemos, promovido pelo CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil) em 2013, conheciam o recurso da áudio-descrição, mas, vale ressaltar que a escola oportunizou tal experiência motivada pela pesquisa.

Inicialmente foi feita uma sessão de filmes sem áudio-descrição sucedida por debate registrado em diário de campo pela bolsista de iniciação científica Lucy Anna Diniz. Foi percebida, após essa sessão inicial, a dificuldade de concentração, de escuta e entendimento do filme em uma sala de aula normal sem acústica para a exibição com esses estudantes.

Como estratégia realizamos dentro do grupo de pesquisa CineNarrativas, da UNIRIO, coordenado pela Professora Dra. Adriana Hoffmann, uma sessão de filmes com e sem áudio-descrição para perceber o papel da mesma para quem não pode enxergá-los. Tal experiência demonstrou a necessidade da áudio-descrição para o entendimento básico dos filmes na compreensão do conteúdo imagético pelas pessoas cegas ou com baixa visão. Tal recurso de acessibilidade traduz em palavras o conteúdo imagético, “empoderando” o deficiente visual.

Assim, prosseguimos na pesquisa com a exibição de alguns curtas com debate no IBC – mas de agora em diante, exibiremos apenas curtas com áudio-descrição. Contudo, encontramos poucos filmes com este recurso e optamos por exibir curtas em sua maioria áudio-descritos pela comissão de áudio-descrição do IBC da qual uma das autoras, Margareth, faz parte como consultora. Pela dificuldade de encontrar filmes adequados à faixa-etária dos sujeitos da pesquisa, optou-se por trabalhar somente com curtas. Essa escolha deve-se também ao fato de termos percebido, através dos questionários, o pouco contato que possuem com o conteúdo fílmico sendo por este motivo escolhidos filmes com curta duração facilitando esse contato dos jovens pesquisados com os filmes.

A áudio-descrição de filmes no Brasil

No Brasil, há apenas alguns projetos que realizam áudio-descrição em filmes tornando-os acessíveis ao público de deficientes visuais. No Instituto Benjamin Constant³ desde 2003, foi iniciado o trabalho de filmes com o recurso da áudio-

³ Instituto localizado no Rio de Janeiro que abriga escola de formação básica atendendo a estudantes cegos e com baixa visão.

descrição ao vivo para crianças através do cine-pipoca. Onze anos depois, foram exibidos alguns curtas infantis com áudio-descrição; atualmente, estas foram gravadas pela comissão de áudio-descrição do Instituto.⁴

A Lavouro produções, atua com áudio-descrição desde 1999 e é responsável pelo festival *Assim Vivemos*, Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência, evento bienal com cinco edições realizadas com o patrocínio do Banco do Brasil (2003, 2005, 2007, 2009 e 2011), no Centro Cultural Banco do Brasil RJ, DF e SP, com itinerância em outros estados brasileiros.

Ainda podemos destacar o trabalho de áudio-descrição feito pelo projeto da UFPE, dirigido pelo Professor Dr. Francisco Lima, pesquisador e editor responsável pela Revista Brasileira de Tradução Visual, importante literatura neste tema.

Mesmo apontando essas iniciativas demonstra-se também o quanto o recurso da áudio-descrição para o acesso a filmes é ainda um recurso muito pouco utilizado nas produções da maioria dos filmes e festivais. Poucos são os que o utilizam como demonstramos nessa breve apresentação. Nesse sentido, esta investigação torna-se enriquecedora à medida que se tenha o entendimento que o mundo é constituído por imagens e que a linguagem imagética, em sua forma e conteúdo, é simbólica, rica e possibilita incomensuráveis descobertas. Essas maneiras e conteúdos variados fazem parte da nossa comunicação e expressão humana, constituindo nossa subjetividade e singularidade enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais, capazes de transmitir e agregar conceitos e valores.

Dissertar e produzir uma pesquisa para o curso de Mestrado em Educação perpassa um diálogo sobre a construção das experiências e trajetórias de vida acadêmica e profissional e estudar e pesquisar a magia que o cinema exerce sobre as pessoas e de maneira especial sobre o que os filmes exibidos poderão suscitar nos estudantes com deficiência visual atendidos no Instituto Benjamin Constant. Tal experiência remete à história de vida de Margareth em relação ao contato que tem tido com as imagens em ação desde a tenra idade e como estas eram transmitidas a ela e como vem ocorrendo nos dias de hoje.

Barbero (2003) afirma que o saber hoje com as novas tecnologias é disperso e fragmentado, e escapa dos lugares que antes o continham e legitimavam e das figuras sociais que o detinham e o administravam. Sendo assim, a escola hoje não é mais o

⁴ Margareth Olegário faz parte dessa comissão como consultora.

único espaço de aprendizagem e o livro o único detentor do conhecimento. O cinema – nesse contexto – aparece como mais uma possibilidade de disseminação de saberes.

A pesquisa com o cinema na escola pode ampliar o acervo cultural desses jovens e as possibilidades de construir suas identidades atuando de forma mais cidadã na sociedade.

Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, Carrano (2011) considera que um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas dos jovens diz respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos apenas como heranças familiares ou institucionais. Por conseguinte, entendemos que o cinema pode produzir sentidos mesmo em quem percebe o mundo sem a visão ocular.

Sobre o estudo com o cinema no âmbito escolar, devemos levar em consideração o fato de o contexto influenciar na compreensão e na apropriação que os estudantes fazem dos filmes que veem. Como afirma Fantin (2006), o contexto institucional influirá no modo em que os estudantes irão consumir os filmes a eles apresentados. Não podemos ignorar que as sessões são feitas em grupo, e que há debates incentivados por nós em que os estudantes expõem seus pensamentos, e, conjuntamente constroem significados para os filmes exibidos, construindo também, assim, facetas de suas identidades.

Ainda de acordo com Fantin (2006), o cinema seria um “agente de socialização”, possibilitando encontros, contatos e reflexões das mais diversas naturezas. Passando pela questão das diferentes culturas e da formação das identidades dos jovens que ali se encontram, os filmes podem funcionar como “veículo de consciência intercultural”, como nomeia a autora, ou seja, o contato com tais filmes pode auxiliar os jovens pesquisados a compreender as diferentes culturas e identidades existentes e as relações que estabelecem com cada uma. A respeito da educação com o cinema, a autora acrescenta:

“Educar para o cinema e educar com o cinema são dois pressupostos da educação cinematográfica. Isso implica entender o cinema na escola como instrumento através

do qual se faz educação e como objeto temático de intervenção educativa através da leitura, da interpretação, da análise e da produção de audiovisuais.”

(FANTIN, 2006: p. 6)

Conforme Duarte (2008), os estudos do uso do cinema na educação, iniciaram na década de 20. Na época, eram realizadas as primeiras pesquisas acadêmicas acerca do tema. “Pelo cinema os homens se podem comunicar, sem que saibam ler... Basta que vejam.” Nos referimos aqui, ao ver em sentido abrangente, além dos olhos. Duarte, ainda diz que a cinefilia, amor apaixonado pela arte cinematográfica, é fruto do conhecimento e da intimidade com essa arte (visto que não se pode amar o que não se conhece) e é construída ao longo de muitos anos de fruição, contato e envolvimento com filmes.

Principais reflexões da pesquisa em processo

O advento de novas tecnologias na educação, não é algo novo para os professores, que acompanham o transcorrer da história da educação, que está inserida na história da sociedade, contudo, os estudos e práticas culturais com o uso das tecnologias de comunicação agregam valores ao trabalho do professor, embora esta experiência cultural seja diferente em cada segmento da sociedade, levando em conta o contexto social de cada grupo com suas dificuldades e possibilidades de acesso aos bens culturais. (Miranda, 2005)

Neste trabalho, faremos uma análise dos relatos dos estudantes do IBC relacionando-os com as experiências pessoais da pesquisadora como é demonstrado no Filme Janelas da Alma, dirigido por Walter Carvalho, de João Jardim. Para este, era curioso que houvesse livros acerca da relatividade da visão como meio de compreender o mundo, embora não houvesse registro audiovisual nesta temática.

“O filme é composto de 19 depoimentos de pessoas de vista "curta" de um total de 50, coletados em duas etapas, que renderam à dupla mais de 30 horas de filme, as quais consumiram 450 horas de edição. Os diretores não são personagens. Seu depoimento, diz Jardim, é o próprio filme.” O longa, apresenta diversos depoimentos de pessoas cegas ou com deficiências visuais menos severas, acerca dos modos de enxergar e perceber o mundo no aspecto visual.

O documentário retrata um pouco das “visões” de diferentes pessoas deficientes visuais sobre si mesmas e sobre o mundo. Fala um pouco da implicação da deficiência na constituição das identidades dessas pessoas, e de como é ser deficiente em uma sociedade onde a visão se torna um sentido de grande importância pela centralidade que as imagens e os elementos visuais ganham na comunicação e na educação.

Uma das autoras dessa pesquisa, Margareth, é cega de nascença, porém, sempre se interessou pelo o que está à sua volta, mesmo que não seja acessível em sua totalidade. Assim, procurava assistir a filmes e programas na TV, na companhia de seus irmãos, todos mais velhos e os inquiria acerca dos acontecimentos não visuais a fim de compreendê-los. Eles os explicavam de maneira intuitiva, mas a faziam imaginar e criar a partir de tais relatos.

A autora lembra-se da primeira vez em que foi ao cinema, ainda criança, assistir ao filme do Tarzan, pouco entendeu naquele momento, seus irmãos nem sempre conseguiam explicar na íntegra, pois riam das cenas, mas, complementaram de maneira não linear as explicações no caminho de casa.

Embora hoje tenhamos o recurso da áudio-descrição, este ainda não está disponível na maioria dos programas de TV e filmes, fazendo com que os jovens pesquisados vivenciem experiências semelhantes às de Margareth no assistir a filmes e programas de TV, pois o fazem também na companhia de familiares.

Trazemos alguns trechos do diário de campo na exibição de um dos filmes iniciais da pesquisa:

Após a exibição do filme uma das estudantes comenta que havia um homem descrevendo o filme. Assim, ela percebeu a áudio-descrição.

Joeli conta que gostou da parte em que o menino presta atenção no que está em volta dele, pois os deficientes devem prestar atenção em tudo o que está a sua volta. Comenta sobre o trecho em que o menino presta atenção nos pássaros e no que tinha em volta na floresta. Deste modo, ele transpõe o que foi exibido no filme para a sua realidade.

Raíssa comenta que um dos amigos do menino conta para ele sobre as cores. Provavelmente, isto tenha chamado mais à atenção dela, pelo fato de não ser totalmente cega e se encantar com a ideia de diversidade das cores das flores.

Davi diz que achou interessante o fato de os amigos e sua mãe o terem ajudado. Mais uma vez, vemos um estudante transpondo o ocorrido no filme para a sua realidade, onde busca em alguns momentos, auxílio de pessoas próximas para a realização de tarefas.

Tariny diz que não entendeu muita coisa. Que não entendeu porque havia o retorno da voz do menino em espanhol. Margareth explica que o menino falava em espanhol e que o áudio-descritor traduzia o que estava sendo dito no áudio original do filme.

(diário de campo, p.4, março de 2014).

Esse diálogo aponta como eles percebem os filmes vistos com áudio-descrição nesses primeiros contatos. Por certo, a estudante que afirma não ter entendido o filme com o recurso da áudio-descrição está mais habituada a ouvir relatos pausadamente de pessoas que assistem junto a ela do que assistir a filmes áudio-descritos. Precisamos levar em conta nesta análise, que ao nunca ter assistido a um filme com áudio-descrição, conforme demonstrou em suas respostas do questionário, este recurso causou estranheza. Essas e outras percepções estão começando a ser desvendadas nesse universo da pesquisa que está sendo imensamente desafiante.

Referências Bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. *Revista Iberoamericana de Educación*, [s.l.], n. 32, maio-ago. 2003.

BERGALA, Alain. *La hipótesis del cine. Pequeño tratado sobre la transmisión Delcine em la escuela y fuera de ella*. Trad. NúriaAidelman e Laia Colell. Barcelona: Laerte, 2007.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. *A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar*. In Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Carrano_Carlos_Henrique_A_escola_diante_das_culturas_juvenis.pdf>. Acesso em abr./2014.

CASTRO, Lucia Rabello de. *Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens*. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 21-42.

DUARTE, Rosália Maria ; REIS, João Alegria dos . *Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. *Educação e Realidade*, v. 33, p. 59-80, 2008.

FANTIN, Monica . Mídia-educacão, cinema e produo de audiovisual na escola. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicao, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicao, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0652-1.pdf>>. Acesso em abr./2014.

FERNANDES, A. H. *INFÂNCIA, CULTURA E MDIA: Reflexões sobre o narrar das Crianças na Contemporaneidade*. In Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp.138-155, Jan/Jun 2011. ISSN 1645-1384 (online). Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org>>. Acesso em 28/11/2012.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Tpicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educao*. Educao e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p.505-519, maio-ago. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16944>>. Acesso em: abr. 2014.

MAYER, Flavia. *O DEFICIENTE VISUAL COMO LEITOR PRESSUPOSTO*. Revista Brasileira de Traduo Visual, Vol.7, No. 7, 2011.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. *A educao pelo cinema*. Rev. Educao e Cinema, Unicamp/SP, 2005. Disponível em: <http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1153335383_47.pdf>. Acesso em abr./2014.

MOREIRA, Maria Ignez Costa. *Pesquisa-interveno: suas especificidades e aspectos da interao entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa*. In: Lucia Rabello de Castro; Vera Lopes Besset. (Org.). *Pesquisa-interveno na infância e na juventude*. 1ed.Rio de Janeiro: TRAREPA/FAPERJ, 2008, v. 1, p. 09-663.

MOTTA, Lvia Maria Villela de Mello. *Audiodescrio – recurso de acessibilidade para a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual*. 2008. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1210>>. Acesso em abr./2014.